

# PERSPECTIVAS ATUAIS DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Auzelene Miranda Gusmão<sup>1</sup>  
Laudijane Souza Puridade<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo apresenta uma discussão acerca das perspectivas atuais de investigação em ciências sociais destacando a tecnologia atrelada a educação, pesquisa e extensão. A temática tem estado presente na literatura contemporânea de forma constante e enfática. Poucos são os temas que não carregam em si a necessidade imediata de discutir, pensar sobre a diversidade que possui, e a sua posição ante qualquer dinâmica relacionada a estudos, trabalhos, entretenimento, enfim, um universo de possibilidades. Para desenvolver esta pesquisa a metodologia aplicada foi a bibliográfica com coleta de informações em sites e livros sobre a temática. Conclui-se que a diversidade e atualidade da tecnologia se situam no campo da modernidade, uma vez ser esta um espaço que propõe e gera inovação, acompanhadas das transformações do homem em sociedade, das suas experiências que exigem outros mecanismos mais apurados de atuação e que, através deles, a sua identidade se associa a uma dinâmica mais urgente e mais elaborada garantido uma melhor participação no mundo que se denomina globalização.

**Palavras chave:** Tecnologia. Educação. Pesquisa. Extensão

## Abstract

This article presents a discussion about the current perspectives of investigation in social sciences, highlighting the technology linked to education, research, extension. The theme has been present in contemporary literature in a constant and emphatic way. There are few topics that do not carry within themselves the immediate need to discuss, think about the diversity it has, and its position in the face of any dynamic related to studies, works, entertainment, in short, a universe of possibilities. To develop this research, the methodology applied was the bibliography with collection of information on websites and books on the subject. It is concluded that the diversity and actuality of technology are located in the field of modernity, since this is a space that proposes and generates innovation, accompanied by the transformations of man in society, his experiences that require other more refined mechanisms of action and that, through them, their identity is associated with a more urgent and more elaborate dynamic, guaranteeing a better participation in the world that is called globalization.

**Keywords:** Technology. Education. Search. Extension

## Introdução

A tecnologia pode vir a ser inacessível por aqueles que não possuem todas as ferramentas necessárias para adentrarem a esse universo de igual modo. Dessa forma está criada uma lacuna, o que gera, em princípio, uma exclusão digital, e que, na atmosfera da educação, inviabiliza a aprendizagem, a pesquisa e a extensão, quando das práticas

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS). Docente de Língua Portuguesa pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail de contato principal: auzelene@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS). Docente de Matemática pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail de contato principal: laudmatematica@gmail.com

pedagógicas vinculadas a essa atmosfera. É nesse contexto do novo que se estabelece uma caminhada crescente entre a educação, pesquisa, extensão e a tecnologia, um território de multiplicidades capaz de gerar saberes diversificados, considerando que o campo educacional deve acompanhar e participar as implicações advindas desse território, e que se estabelece como referência coletiva. No entanto, é preciso compreender a vinculação entre os aspectos educacionais e as formas tecnológicas que podem contribuir para o enriquecimento da aprendizagem, de forma a garantir que um número maior de educandos participe desse processo.

Um primeiro ponto a ser considerado é que, a intromissão da tecnologia na área da educação gera um sentimento de pertencimento, algo que se assemelha a um conjunto de elementos que participam de maneira acessível a um universo possível e que, na sua maneira mínima de interação, consegue estar em um nível de envolvimento capaz de inserir os seus participantes em outros âmbitos de atuação social aproximando-os da realidade coletiva, ou em uma visão mais específica, destacando-o como sujeito diferenciado.

Percebe-se, com isso, um privilegiamento do educando que tiver a recepção da tecnologia, enquanto recurso de aprendizagem e pesquisa, uma vez que essa educação seja trabalhada diante de um contexto múltiplo de impressões cercado de imagens, sons, cores e o alargamento quando da busca por uma variedade de informações que o deixará aberto ao mundo e pertencente a espaços públicos onde possa atuar com o aprendizado que recebera, promovendo, também, a possibilidade de que esse universo seja pincelado pelas suas impressões teóricas e metodológicas envolvidas. Segundo Weber (1973, p. 140), consegue-se entender que:

Chamamos comunidade a uma relação social quando a atitude na ação social... inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo ... Chamamos sociedade a uma relação social quando a atitude na ação social inspira-se numa compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou valores) ou então numa união de interesses com idêntica motivação...

O pertencimento referido anteriormente é um conceito que pode ser relacionado com o de comunidade, uma vez ser esse o espaço de integração e de relação horizontal entre os seus integrantes. É justamente nesse espaço que o aprendiz, no momento em que a sua formação está sendo gestada e, posteriormente a ela, que começa a introduzir novos ângulos, novas formas de enxergar e participar do mundo, imbuído de que a tecnologia é capaz de atravessar fronteiras e interagir mundos, até mesmo opostos, em um ambiente

de conectividade instantânea ou processual, a depender da necessidade e realidade a que está submetido.

Pensar, aqui, em interesses que tenham uma mesma motivação sugere o sentido que a pesquisa e extensão podem conter, uma vez ser capaz de em uma interação atravessar o âmbito físico e subjetivo da educação, e configurar novos modos de contato com o social vivenciados pela vastidão que a tecnologia lhe proporciona em um circuito sincronizado do individual com o coletivo, o que contribui como antecipação de modelos previamente consultados, vistos e que podem ser encontrados em campo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **TECNOLOGIA: POTÊNCIA OU ENTRAVE NA EDUCAÇÃO?**

Tecnologia e extensão é um par que pode ser, aqui, entendido como similar, como ponto de correspondência, de relação entre si, e de propagação, multiplicação que ora se dá pelo veículo midiático, ora pela saída do ambiente fechado, do espaço físico educacional. Extensão, expansão é o estágio a que se quer chegar com a ferramenta tecnológica circulando em meio ao conhecimento transmitido pela educação, é com o seu uso que a pesquisa se alarga a territórios não navegados, proporcionando ao indivíduo uma maior participação em seu mundo e nos mundos outros que existem distantes do seu alcance, mas que podem ser acessados tecnologicamente. Em seu artigo, Fischer (2007, p. 3) se apoia em Foucault para relacionar educação e tecnologia:

(...) fazer a história de objetos técnicos, imagens, textos, sons, produtos audiovisuais, obras de arte, tomando-os por dentro de certa discursividade, estabelecendo as complexas relações entre um certo tempo, as verdades que nele se procura veicular e reafirmar, a materialidade da produção dessas verdades, as lutas em jogo e os modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes. Essa trama é que precisa ser descrita, quando nos debruçamos, por exemplo, sobre materiais midiáticos audiovisuais, em articulação com a vida de alunos e professores em suas práticas pedagógicas cotidianas.

Um segundo ponto relevante sobre essa reflexão diz respeito ao bem-estar que a tecnologia deve promover no universo da educação. Tratar de um bem-estar não está aqui relacionado a um prazer associado à passividade, mas, de forma gradual e crescente ao aspecto da humanização, e isto se refere às formas com que se deve utilizá-las, mesmo sendo algo imprescindível para a aquisição e alargamento de conhecimentos e experiências.

Tratar da humanização em um espaço de saberes é extremamente necessário e pontual, uma vez ser ele, o espaço de educação, um lugar de análise e reflexão sobre a importância do vínculo com os aspectos inerentes ao ser humano, considerando que a tecnologia deve ser utilizada como ferramenta que contribui para o processo educacional.

Considerar que a tecnologia deve ocupar um espaço superior àquilo que se pode fazer em caráter interativo, ensino-aprendizagem, é desfazer e comprometer a fala da educação enquanto uma das áreas que valoriza e instiga o poder de atuação do indivíduo em sociedade, e que luta pela sua permanência na construção da realidade, o que nos leva a pensar sobre diálogos. Matta (2002, p. 8) crê que os computadores são importantes, enquanto parceiros cognitivos da mente humana e que

(...) os meios informatizados são como ambientes nos quais a mente humana encontra espaço para dialogar consigo mesma, assim como para facilitar a organização e sistematização do processo de construção do conhecimento. Os computadores são então meios nos quais se desenvolve o pensamento crítico e reflexivo, na forma concebida por Vygotsky. É possível, portanto considerar os conceitos de mediação da aprendizagem e de zona proximal nestes ambientes.

Não se pode isolar a tecnologia do caráter da humanização, não se deve criar linguagens distintas, mas perpassar uma pela outra, considerando que estas, e aqui relacionadas à área educacional, convergem para o aspecto da melhoria do ensino-aprendizagem e da área de pesquisa e extensão, considerando que seja a humanização uma das responsáveis em produzir diálogos entre o midiático e o educando, mediado pelo educador acreditando que em educação não se exclui papéis, mas juntam-se a eles outras formas de se experimentar o mundo.

Um aspecto a ser considerado é que a humanização, pautada no uso da tecnologia, transforma espaços diversos em espaços de acessibilidade ao universo vasto de educação. A possibilidade de fazer com que a sua acessibilidade seja possível ao maior número de interessados dá-se pelo dinamismo que a educação, na pessoa do mediador, executa as suas atividades quanto à transmissão do conhecimento combinando tecnologia de comunicação e informação aos conteúdos ministrados, estendendo-a ao campo da pesquisa e dos trabalhos feitos pelas vias da extensão.

Infelizmente a interligação entre os interessados em fazer a diferença na educação, a partir do uso das tecnologias, de forma a fomentar uma dinâmica efetiva no campo das pesquisas, solicita dos educadores uma mudança de postura baseada em uma autorreflexão do seu processo de formação e conseqüentemente da continuidade desta.

Talvez, o contexto imposto por um novo normal como tem sido chamado, a partir de uma pandemia traz à tona o fato de que nem os docentes, nem tão pouco os discentes estavam preparados para um uso mais extenso da tecnologia, uma vez que a educação foi uma das áreas que mais recorreu a mesma para dar sequência ao trabalho desenvolvido de forma presencial em um contexto em que as instituições públicas, em especial, não estão preparadas para atenderem às necessidades oriundas do uso da tecnologia que cada vez mais tem se desenvolvido e aprimorado em uma velocidade que as supracitadas instituições não conseguem acompanhar.

Quanto à falta de preparo para adaptar-se ao uso da tecnologia como ferramenta principal de ensino, os docentes de instituições de ensino público, quanto privados não estavam preparados para usar a tecnologia como uma ferramenta facilitadora do processo de ensino aprendizagem. Mas, além da falta de conhecimento básico, muitos educadores ficaram à margem do processo por não estarem devidamente equipados.

Ainda que muitas instituições governamentais, e até mesmo não governamentais tenham ofertado cursos de aperfeiçoamento muitos docentes encontram-se à margem desse processo de formação por falta de: informação, vontade de investir em seu processo de formação continuada, por receio de sair de sua zona de conforto. Tal fato toma formato evidente quando se pensa na formação inicial de muitos professores, a partir de uma educação bancária, sem a presença das tecnologias ou sem a possibilidade de ressignificá-las como forma de pensar sobre os limites do conhecimento (FREIRE, 2005). No entanto, com o advento um novo normal, os docentes se viram diante da necessidade iminente de uma mudança de postura que, infelizmente, ainda não conseguiu atingir a sua totalidade, se encontrando na ativa desde a educação infantil até a educação de nível superior.

Pensar no uso da tecnologia de forma ‘maciça’, como tem ocorrido em função do contexto definido, a partir da pandemia da Covid-19, poderia parecer um problema que afetaria a uma minoria, se fosse considerado que a expansão e democratização da tecnologia deveria estar ocorrendo de forma efetiva, assim como tal expansão deveria ser pauta de pesquisas que pudessem evidenciar as relações e tensões relativas a relação, principalmente, entre os sujeitos e as tecnologias, pensando no processo de humanização deste contexto de forma mais clara (FERREIRA; ROSADO; CARVALHO, 2017). Ainda a esse respeito Selwyn, esclarece que

Infelizmente, muito da discussão recente em torno da Educação e Tecnologia tem sido lamentavelmente frágil. A pesquisa acadêmica na área é frustrantemente pobre, e grande parte da evidência dos benefícios e riscos do

uso da tecnologia carece de possibilidades de generalização e de rigor. Discussões tanto entre leigos quanto entre especialistas ainda tendem a ser desesperadamente otimistas ou distópicas. Discussões objetivas são frequentemente enfraquecidas por um desejo compreensível de educadores de melhorar a educação usando qualquer meio possível. O imperativo de reformar a educação para uma era de mudança tecnológica e demográfica (INSTITUTE OF DIRECTORS, 2016) é repetido *ad infinitum* por formuladores de políticas e empresários com pouca reflexão sobre porque esse deveria ser o caso, exatamente, ou o que poderia estar envolvido, precisamente. (2017, p. 87-88)

Investir em pesquisas que possam levantar as demandas e auxiliar no planejamento para prover a ampliação do uso da tecnologia, assim como a produção de novas pesquisas a partir do contexto sócio, político e econômico da comunidade educacional, principalmente como forma de priorizar um efetivo processo de humanização e, conseqüentemente cuidado com o outro e com suas necessidades, acerca da aquisição ou manutenção do conhecimento.

A pesquisa não deveria parar, mas como dar continuidade diante de um contexto adverso, provido por poucos recursos, em que alcançar os discentes passou a ser mais um dos grandes desafios dos educadores em meio a uma sociedade desigual e envolta de crescentes problemas de ordem socioeconômica, na qual muitas vezes não se possui o básico para suprir as necessidades de suas famílias. Um bom exemplo de paralisação de parte das pesquisas tem se vivenciado durante o contexto social oriundo da pandemia, uma vez que poucos foram os incentivos disponibilizados pelo governo para garantir a permanência dos estudos, mesmo que a distância, de educadores e estudantes menos abastados.

Eis que, mais uma vez, os professores são vistos como profissionais de pouca importância, mesmo diante de dificuldades que perpassam pelo aprender a ensinar utilizando novas metodologias, através do uso da tecnologia, de forma a manter a atenção e o encantamento de seus discentes por seu componente curricular. Além disso, cabe ao professor buscar novas formas de atingir, também, aos discentes que não conseguem ter acesso às redes sociais e, desta forma, manter-se, ainda que, de forma mínima, dando continuidade ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, o docente precisa refletir acerca das possibilidades que as tecnologias disponibilizam para o processo de ensino-aprendizagem que, segundo Silva *et al.*

[...] para que os recursos tecnológicos sejam vistos como educacionais, os professores devem preparar-se para utilizá-los, o que não significa, necessariamente, aumento da capacidade técnica no sentido de se tornar um expert, mas familiarizar-se o suficiente com os recursos básicos necessários para a sua integração na prática pedagógica (SILVA *et al.*, 2014, p. 5).

Em meio a tantas dificuldades e entraves, como garantir a disposição, o envolvimento e a perseverança em busca de novos conhecimentos, que possam fomentar temas para serem pesquisados, assim como, pensar na manutenção das pesquisas já em andamento diante de tantos obstáculos. É neste momento que a criatividade e perseverança dos educadores e estudantes engajados em pesquisas entram em ação e garantem a permanência do desenvolvimento científico dentro das instituições de ensino no Brasil, apesar de todos os entraves. Ao considerarmos um alinhamento entre a concepção relativa ao uso das tecnologias digitais e o contexto social, evidenciamos Rabello, quando afirma que

[...] não podemos negar que as tecnologias digitais se fazem cada vez mais necessárias nesse contexto. Com o processo de globalização e de internacionalização das universidades, precisamos estar atentos às tendências mundiais no setor de forma a integrar as tecnologias e oferecer processos educacionais inovadores, em consonância com as principais tendências internacionais (RABELLO, 2015, p. 52).

Para a educação acompanhar a evolução tecnológica e desta forma estar em alinhamento com as tendências e desenvolvimento que ocorrem em nível globalizado, o investimento em educação deveria ser melhor planejado, assim como os docentes deveriam fazer uma autorreflexão sobre sua formação continuada e, desta forma, reivindicar cursos e verbas destinadas à pesquisa por parte das entidades governamentais. Diante do contexto social do novo normal, os docentes têm sofrido não só com o aumento do trabalho gerado pelo home office, assim como com a falta de recursos para manter equipamentos adequados, afim de suprir as necessidades básicas para prosseguir com o processo de ensino-aprendizagem, e com problemas de saúde relacionados ao longo tempo de exposição diante da tela de computadores, celulares e equipamentos afins.

Pensar que seria mais fácil para o professor prosseguir com seu trabalho por estar em casa, infelizmente é pensar de forma equivocada tendo em vista que, além de buscarem novas metodologias para não repetirem em suas aulas remotas o mesmo formato das aulas presenciais, os educadores tiveram muitas de suas pesquisas e estudos interrompidos, devido à falta de acesso a laboratórios e materiais impressos disponíveis em locais restritos impossibilitando, assim, a continuidade de várias pesquisas. E não seria possível pensar em um processo de ensino-aprendizagem efetivo, assim como na continuidade das pesquisas nas instituições de ensino, sem que os discentes, também possam estar devidamente equipados e munidos do conhecimento necessário para serem protagonistas de sua trajetória acadêmica. Assim como, para os docentes, não adianta que

os discentes possuam equipamentos e uma boa conexão para acessar as mídias sociais, se não possuírem conhecimento para utilizarem tais ferramentas da forma adequada.

### **Considerações Finais**

O pensamento das instituições de ensino em qualquer que seja seu nível de escolaridade deve estar voltado não só para o processo de ensino-aprendizagem daqueles que possuem acesso à tecnologia, mas também, dos que não possuem. Infelizmente a sociedade ainda não se deu conta do grande déficit tanto em nível educacional, quanto em desenvolvimento científico que a falta de estrutura, planejamento e de investimentos em educação farão com que o Brasil sofra um retrocesso em suas conquistas, até então, feitas com base em muito esforço e empenho por parte da classe acadêmica que ainda investe seu tempo e, até mesmo, seus próprios recursos para não deixar a educação brasileira ainda mais aquém do que já tem estado.

Pensar em usar a tecnologia pela tecnologia, não reflete o potencial educacional inerente ao uso da mesma, pois, para dar continuidade à pesquisa e a extensão no nível superior de ensino, docentes e discentes precisam se engajar no processo de pesquisa desde a educação básica, pois é necessário que o estudante assuma o papel de protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente assumir o papel de pesquisador.

Diante deste contexto, o docente não pode ficar a margem da inovação, pois, precisa ser o mediador dentro do processo de protagonismo dos estudantes e, para tal, o educador precisa estar em constante processo de auto formação, refletindo sobre seu papel, enquanto partícipe do processo educacional. Assim sendo, entende-se que a pesquisa e a extensão necessitam da atuação direta de educadores e educandos, sempre levando em consideração o contexto sócio, econômico e político, pois o processo educacional acima de tudo é um processo humano e tal humanização só pode ser evidenciada a partir da participação dos protagonistas do referido processo, assim como de investimento e de um planejamento que dê a educação a importância que merece.

### **Referências**

FERREIRA, G. M. S.; ROSADO, L. A. S.; CARVALHO, J. S. (Org). **Educação e Tecnologia: abordagens críticas**. Rio de Janeiro: SESES, 2017.

FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MATTA, A. E. R. Projetos de autoria hipermídia em rede: ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de História. In: **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO**, 25., 2002. Anais. Caxambu: ANPED, 2002.

RABELLO, C. R. L. **Tecnologias Digitais e Ensino Superior**: uma experiência de desenvolvimento profissional docente na UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

SELWYN, N. Educação e Tecnologia: questões críticas. In: FERREIRA, G. M. S.; ROSADO, L. A. S.; CARVALHO, J. S. (Org.). **Educação e Tecnologia**: abordagens críticas. Rio de Janeiro: SESES, 2017, p. 85-103.

SILVA, B. D.; ARAUJO, A.; VENDRAMINI, C. M. M.; MARTINS, R. X.; PIOVEZAN, N. M.; PRATES, E. A. R.; DIAS, A. S.; ALMEIDA, L. S.; JOLY, M. C. R. A. **Aplicação e uso de Tecnologias Digitais pelos Professores do Ensino Superior no Brasil e Portugal**. Educação, Formação & Tecnologias, v. 7, p. 3-18, 2014.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: Fernandes, Florestan (org.) – São Paulo: **Comunidade e sociedade**, Ed. Biblioteca Universitária, 1973.